



XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE BIOÉTICA V CONGRESSO DE BIOÉTICA DO RIO DE JANEIRO I SIMPÓSIO DE CONTRIBUIÇÕES DA BIOÉTICA PARA O SUS

Bioética crítica, interseccionalidade e pluralidade

A ÉTICA DENTRO DA PALEONTOLOGIA

Lucas Nascimento Ferreira Lopes¹; Paulo Victor Luiz Gomes da Costa Pereira²

¹Universidade Federal Fluminense ²Universidade Federal do Rio de Janeiro

lucas.lopez22@hotmail.com, paulovictor29@yahoo.com.br

A ética é uma área do saber humano constantemente debatida a nível popular, fruto de uma experiência universal de criação e discussão da moralidade envolvida nas ações construídas junto ao outro, seja esse um animal humano ou não. Apesar de sua importância social estrutural, há locais onde sua aplicação é ainda fonte de debates, como dentro do meio científico, em especial de áreas biológicas e exatas. Fruto desses debates surge a Bioética, campo do saber transdisciplinar, que busca essa ponte entre reflexões e práticas científicas. Essa é uma questão também dentro da Paleontologia, área de conhecimento voltada para o estudo sistemático de seres vivos extintos e seus vestígios, sendo essa própria interdisciplinar entre Biologia e Geologia. Como um campo do saber específico derivam-se elementos e situações exclusivas desse, e com isso suscita-se a necessidade de um olhar ético que aprecie os dilemas e questões morais que surgem, preparando os profissionais e propiciando debates. Embora haja um arcabouço teórico que norteie o paleontólogo em sua ação, como o Decreto lei 4146/42 sobre depósitos fossilíferos, há uma lacuna das reflexões éticas envolvidas no fazer científico paleontológico, desde a extração e recuperação de fósseis, até sua divulgação e produção científica. De fato, mesmo com proibições formais, há uma preocupação constante com a comercialização de fósseis brasileiros, que chegam a ser enviados para o exterior e lá estudados e publicados. Há o infame episódio da “Guerra dos Ossos” que ocorreu entre 1877 e 1892 nos EUA, onde dois paleontólogos, Marsh e Cope, em uma rivalidade intensa, apelaram para roubos e destruição de material, intimidações e subornos para impedir ou dificultar acessos e estudos. Além disso, dentro da própria Paleontologia há casos recorrentes de fraudes de novas espécies ou achados que são forjados, e depois, quando descobertos, retratados. Soma-se a esse cenário casos, por vezes aparecendo em jornais de nível nacional, de escândalos de assédios sexuais e morais dentro da Paleontologia, que mantém e reforça, por vezes, violências sistemáticas estruturais que acontecem no fazer científico dentro de uma sociedade machista, racista e elitista. Os fósseis, sendo propriedades da União, e também descobertas científicas, que deveriam estar de livre acesso a pesquisadores (em caso de estudos subsequentes) ou da população (no caso de divulgação científica), tem seu acesso proibido pelos pesquisadores ou instituições nos quais estão depositados, indo contra um dos princípios básicos da prática científica, a garantia de replicabilidade, e com isso impedindo o falseamento de estudos, um pilar do método científico. A ocorrência recorrente do que denominados de condutas anticientíficas, como roubo de ideias e materiais, plágio, fabricação e falsificação de dados, e mesmo de violências sistematizadas, como assédios, são indícios de um fazer científico adoecido, cuja prática não incorpora a vivência ética e nem mesmo reflexões morais, e com isso, que se distancia do próprio fazer científico, uma realidade que somente a pressão legal não está sanando, e precisa igualmente de uma reflexão ética ativa. [Bolsa FAPERJ - PDR10 E-26/201.995/2020]

Palavras-chave: Ética científica; Paleontologia; Ciências